

tem tomado o folhetinista entre nós. Escrever folhetim e ficar brasileiro é na verdade difícil”.

Não era verdade absoluta: os autores brasileiros figuraram bastante nos folhetins, em que foram divulgados alguns dos melhores romances da época. Não se enquadravam, e nisso Machado de Assis tinha razão, no modelo clássico do folhetim, a que pertencia a maioria dos autores publicados nos jornais, constituindo gênero marginal da literatura, aliás. Esses autores, franceses na maioria, sabiam dar ao folhetim o interesse que representava o segredo de seu sucesso entre o público, com o enredo complicado, a trama difícil, a ausência de compromisso com o verdadeiro e até com o verossímil. E tudo isso fazia parte daquele segredo do sucesso, aquilo que o público numeroso procurava, a sua ânsia de evasão. Certo, o *Jornal do Comércio* publicava em folhetim, *A Moreninha* e *O Moço Loiro*, de Joaquim Manuel de Macedo; o *Correio Mercantil* publicara as *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, autores ambos, nessas obras, com traços folhetinescos inequívocos, mais o primeiro do que o segundo, tendente ao popular pelo picaresco, — mas não eram folhetinistas típicos, conforme o modelo romântico, e ainda que românticos. Quase todos os autores brasileiros de ficção participaram do folhetim, na época. Machado de Assis publicara, em *O Globo*, *A Mão e a Luva* em 1874; *Iaiá Garcia* em *O Cruzeiro*, em 1878; *O Ateneu*, de Raul Pompéia, apareceu na *Gazeta de Notícias*, em 1888. Mas só Aluízio Azevedo tentaria, no folhetim, aproximar-se do modelo europeu, e os seus livros feitos nessa intenção são inferiores justamente por isso.

A fase literária é coberta pela *Revista Brasileira*, em suas duas fases, a segunda e a terceira, aquela entre 1879 e 1881, quando dirigida por Nicolau Midosi, esta entre 1895 e 1898, quando dirigida por José Veríssimo, que procura, com ela, retomar a tradição da *Guanabara* e da *Minerva Brasileira*, nos termos do fim do século. Aparecem e desaparecem, então, numerosas revistas literárias, desde as acadêmicas, como *O Oitenta e Nove*, publicação quinzenal que se iniciou em março de 1889, redigida por Isidoro Pinto de Sousa, E. Fontes, Pinto Freire, M. de Barros Júnior, Sales Pinheiro, Paulo Teixeira e Pereira de Castro; a *Folha Acadêmica*, do mesmo ano, redigida por Adail de Oliveira, Barata Ribeiro, Teodoro Machado, Francisco Brant, Carvalho Mourão, Afonso de Carvalho e Edmundo Lins; ou o ingênuo *Paladino*, de 1897, redigido por Henrique de Macedo, José Amâncio de Paiva e Fausto Lex, alunos do 2º ano do Ginásio do Estado, com o colaboração de Adalgiso Pereira da Silva, Alfredo Medeiros de Vasconcelos, Quintino de Macedo, José Vieira Couto de Magalhães e Ricardo Gonçalves, este então no 1º ano daquele Ginásio, e que só tirou três núme-